

# Comunicação comparada: um estudo sobre a enchente Rio de Janeiro (2010) com base na análise das revistas *Veja*, *Época* e *IstoÉ*

**João Carissimi\***

## **Resumo**

*Trata-se de um estudo exploratório quantitativo e comparativo, de natureza qualitativa, no qual se analisam a capa e sua respectiva matéria sobre a tragédia “enchentes”, ocorrida no Rio de Janeiro em abril de 2010, sendo seu corpus extraído dos veículos de comunicação impressos nas revistas *Veja*, *Época* e *IstoÉ*, considerando sua circulação nacional, sob determinado recorte temporal, uma semana após a tragédia. O território de conflitos e tensões descrito pelo jornalista sobre o acontecimento enchentes configura-se sob o aspecto da mídia um papel “quase-mediado”, ao disseminar informações que podem, a partir desse momento, fazer parte da esfera pública. A análise permitiu a detecção de inferências im[postáveis] no que diz respeito aos discursos das mídias, o que permite verificar uma disputa de sentidos mediada pela imprensa na relação com o cidadão, autoridades e especialistas.*

**Palavras-chave:** *Discurso. *Veja*; *IstoÉ*. *Época*. Enchente no Rio de Janeiro.*

\* Mestre em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Especialista em Marketing pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Especialista em Administração em Publicidade e Propaganda e Relações Públicas pela PUC-RS. Bacharel em Comunicação de Graduação em Relações Públicas pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Pesquisador no Grupo Redes de Comunicação da Univali. Aluno Especial do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (ICIT/Fiocruz). Doutor em Ciências da Comunicação e Informação em Saúde na disciplina: Mídia, Saúde e Mediações (2010/1). E-mail: jocaribr@yahoo.com.br.



## Introdução

Alguns títulos das principais notícias agendados para o dia 6 de abril de 2010 e publicados em espaços como Política, Mundo, Economia e Sociedade podem dar uma compreensão da “mundanidade mediada”, fora do alcance de nossa experiência pessoal, mas que, de forma simbólica, nos colocam diante e dentro da esfera pública: “Para Dilma, tucanos são falsos cordeiros”; “Distrito Federal desvia R\$ 107 milhões de verbas federais”; “Voto urbano freia avanço de Evo Morales”; “Chávez gastará US\$ 5 bi com armas russas”; “Índice da Bovespa atinge melhor nível desde junho de 2008”; “Brasil adia retaliação contra Estados Unidos”; “População brasileira sofre com falta de leitos em UTIs”; “Rodovias federais registram 114 mortos durante o feriado”; “Rodoanel diminui em 43% tráfego de caminhões em avenida”; “Chuva deixa pelo menos 13 mortos no Rio”.

A mídia e a enchente no Rio de Janeiro são os temas tratados aqui. “Está tudo parado”. “Não tem como sair de casa”. “Estou presa em casa” é o que dizem vários moradores quando entrevistados durante a catástrofe das enchentes ocorridas no mês de abril, no Estado do Rio de Janeiro, o que se configura como uma relação “quase-mediada” entre o cidadão e a mídia.

Acontecimentos atuais, principalmente centralizados nos fatos, aparentemente delimitados e facilmente observáveis no tempo (de produção) e no espaço (fenômenos sociais – por exemplo, as notícias sobre a Tragédia das Enchentes no Rio de Janeiro, ocorridas no período de 5 a 8 de abril de 2010 –, constituem um campo de memórias sociais, de identidades e de representações sociais capazes de gerar e fixar o perfil sobre os fatos, atores sociais, organizações, datas, discursos e conteúdos simbólicos.

A revista, como um dispositivo impresso, permite que ocorra a mediação com o leitor; de certa forma ela tenta problematizar o “espaço público comunicativo” como um campo privilegiado de discursos e trocas simbólicas. Entretanto, talvez não exponha o que se constrói no espaço público em longo prazo, ficando talvez encoberto pela falta de acontecimentos – por exemplo, uma tragédia. Uma vez que todo discurso gera disputas de sentidos e pode permear tensões existentes entre o público e o privado, caracterizado por um “lugar de fala”, podendo envolver fatores como econômico, político, tecnológico e simbólico das mídias, este último é o que nos interessa tratar aqui.

A escolha pela mídia “revista” é por ele ter características e particularidades como uma opção de comunicação personalizada e dirigida

(questão impresso), o que alimenta ações de fidelização do leitor, pois apresenta, sobretudo, um conteúdo de interesse permanente e interpretativo, o que permite uma difusão mais demorada e pode oferecer uma continuidade analítica factual e investigativa. Ainda, possibilita ao leitor filtrar e escolher o que ele quer ler, bem como pode proporcionar ao receptor uma percepção de qualidade da informação e, por último, até a formar conceitos, opiniões sobre os acontecimentos relatados.

Mas por que estudar as representações sociais baseando-se em conteúdos jornalísticos? A mídia, no caso a revista, constitui uma instância de denúncia do poder, que com base em informações objetivas, delibera questões sociais latentes ou não, bem como pode fazer a denúncia do mal e da mentira, ao explicar os fatos. Às vezes, a mídia pode transformar, por exemplo, como a tragédia da enchente ocorrida no Estado do Rio de Janeiro, pelo uso da espetacularização da informação no sentido de produzir efeitos de dramatização como forma de legitimar e poder alcançar o grande público, o que permite o propósito de formular um conceito perante a opinião pública.

Diante da sua onipresença e complexidade, a revista contribui para que os leitores compreendam e prevejam os fenômenos aos quais estão diariamente submetidos em suas experiências “corriqueiras” e, ao dar vida aos enunciados de forma transformativa, pode produzir efeitos de sentidos “verossimilhança”. De que maneira os textos apresentam um discurso de dramatização e de estereótipos? O que aconteceu na tragédia? Quem pode ter falhado no sistema? De que lugar se fala? Quais são as fontes ou vozes que falam nos textos? Ou, ainda, de que modo a linguagem apresenta semelhanças e diferenças em função da proximidade e distanciamento contextual como variável da produção jornalística? Como a temática sobre a enchente no Rio de Janeiro foi trabalhada? Quais seus efeitos de sentido (interpretação das mensagens)? Logo, estudar o discurso da imprensa é procurar compreender a lógica da enunciação da informação jornalística diante das tragédias como um fator de inteligibilidade do social.

Considerando as afirmações acima, estaremos comparando as capas e suas respectivas reportagens sobre as enchentes, publicadas nas revistas, com o objetivo de entender o acontecimento como uma relação “quase-mediada” entre o produtor da notícia e seu leitor, que, de certa forma, desencadeia uma luta, uma emergência, um lugar de “afrontamento” de forças que se invertem, se entrelaçam no “no espaço público”, ou, ainda melhor dizendo, no mundo da vida de cada ator social.

Podemos pensar como uma das formas de análise dos acontecimentos com base no sistema linguístico em que, segundo Lage (1993), textos, manchetes, títulos e legendas, podem revelar um sentido proveniente da estruturação do texto e um discurso de representação social. Ou, ainda, conforme Melo (1972), a questão de gênero do texto: informativo e opinativo, que permitem um olhar in[revelador] sobre o acontecimento enchenes no Rio de Janeiro.

Como metodologia de investigação, adotamos a análise de conteúdo (AC), cristalizada em Bardin (1977). Por último, nas considerações de ordem teórica, faz-se uso da pesquisa bibliográfica tendo como fundamentação autores como Habermas (2003); Charaudeau (2009); Sodré (2009); Thompson (2009); Silverstone (2002); Gomes (2003); Edgar; Sedgwick (2003); e Marcondes (2009).

### **Para entender o discurso da mídia**

Primeiro, foi necessário entender os conceitos-chave sobre o que é mídia, mediação, discurso, esfera pública, e fomos buscá-los no *Dicionário de Comunicação* (2009), organizado por Marcondes Filho, e também no *Dicionário Teoria cultural de A a Z* (2003), organizado por Edgar e Sedgwick.

Edgar e Sedgwick (2003, p. 209-213), quando falam sobre a *mídia de massa* apresentam um retrato histórico tendo como base a invenção dos caracteres móveis por Johannes Gutenberg, em 1450, como o início da imprensa, caracterizado por trabalhos literários e religiosos, como também textos médicos e legais. Subsequentemente, nos séculos XVI e XVII, os periódicos e os jornais.

Já com a industrialização no século XIX, aumentou a exploração comercial dos jornais. Costa (2009, p. 249 *apud* MARCONDES, 2009) afirma que o termo “mediação”, etimologicamente, deriva de *médium*, meio – ato ou efeito de mediar, de estar entre. E, segundo a teoria da comunicação, “mediação é a articulação entre práticas de comunicação e movimentos sociais; é a modalidade da comunicação dentro da qual se inserem os meios e que estão ligadas ao *sensorium* (lar: lugar em que reside o sentimento) dos modos de percepção e da experiência social”.

Já para Edgar e Sedgwick (2003, p. 203), o termo “mediação” pode ter dois significados distintos, sendo no primeiro como senso comum, considerando qualquer coisa que intervenha entre duas coisas, ou seja, qualquer pessoa que transmita uma mensagem para o público, como: “um repórter mediou entre o acontecimento reportado ao público”. De outra maneira, esse termo, sob o olhar da Escola de Frankfurt e outras

formas de marxismo, tem um uso mais técnico – o de “construção”. Dessa forma, o indivíduo é mediado pelo objeto e pode ser criado ou construído, por exemplo, pela mídia, pelas leis biológicas, ideológica, cultural, pela esfera pública, experiências e percepções, pelo mundo social. Assim, a mediação articula simbolicamente a realidade e a sua representação. Conforme Edgar e Sedgwick (2003, p. 88-89), o termo “discurso” pode ter vários significados, entretanto, para o trabalho o consideramos como um meio tanto para produzir quanto para organizar o significado no contexto social, constituindo-se uma “formação discursiva”, como modo significativos que organizam sistematicamente a experiência humana no mundo social em linguagem, transformados em um conhecimento.

No entender de Charaudeau (2009, p. 19), “as mídias não transmitem o que ocorre na realidade social, elas expõem o que constroem do espaço público”. A mídia é um “suporte organizacional” que apresenta informações sobre fenômenos sociais que, no entender de Charaudeau (2009, p. 15), deve remeter também à lógica econômica (o próprio negócio mídia, a construção civil, a especulação imobiliária, o marketing, o lucro), a lógica tecnológica (a qualidade e a quantidade de sua difusão que tem relação direta com o aperfeiçoamento dos meios de transmissão dos sinais, bem como a convergência das mídias) e a lógica simbólica (onde a mídia serve a democracia cidadã), que é o que nos interessa tratar aqui.

Para Thompson (2009, p. 19), a mídia, de forma profunda e irreversível, faz uma “reelaboração” da informação e dos conteúdos simbólicos pelos quais os indivíduos que produzem ou os recebem dão significados e podem se relacionar entre si em um mundo de intercâmbios simbólicos. Então, faz-se necessário uma organização dos processos de produção, armazenamento e de circulação, o que permite ao poder econômico transformar a matéria-prima informação em um bem que pode ser trocado e consumido. Já o poder político coordena e regulamenta os padrões de interação entre as organizações e os indivíduos, explicitamente, codificados em forma de leis.

Sodré (2009, p. 39-40) afirma que

na medida em que o Estado se transnacionaliza, ou pelo menos assim se orienta, e a política torna-se uma dimensão autônoma da vida social, limitando progressivamente as decisões legislativas, as comissões especializadas e as instâncias tecnoburocráticas, [...] ocorre a retirada da atividade política da cena pública.

Tudo isso associado confirma a hipótese de Sodré (2009, p. 21) de que a “sociedade contemporânea rege-se pela midiatização; quer dizer,

pela tendência à “virtualização” ou telerrealização das relações humanas”, onde todas as instituições (escolas, igrejas, família, partido, sindicato, organizações da sociedade civil organizada) são mediadoras com poder de “produção e transmissão de formas simbólicas”, que, no entender de Thompson (2009, p. 24), podem “intervir no curso dos acontecimentos, de influenciar as ações dos outros e produzir eventos” sendo um lugar midiático de condições de produção de sentidos neste “espaço público” com certa “visibilidade social”.

As mídias constituem uma instância, segundo Charaudeau (2009, p. 29), de denúncia do poder, de informação objetiva, deliberação social, denúncia do mal e da mentira, explicação dos fatos e descoberta da verdade. Nesse sentido, por que devemos estudar a mídia? Silverstone (2002, p. 12-13) diz que devemos estudá-la por ser “fundamental para nossa vida cotidiana e por fazer parte da dimensão social e cultural, mas também política e econômica”. Diante da sua onipresença e complexidade, a mídia contribui para que possamos compreender o mundo, partilhar seus significados, experiências “corriqueiras” e seus movimentos no espaço e no tempo, por exemplo, por meio textual, no caso o jornal. O texto é sempre portador “efeitos de sentidos possíveis”.

Segundo Charaudeau (2009, p. 27), esse é “lugar das restrições de construção de um produto” em que o “sentido é o resultado de uma coincidentalidade”, no qual a instância da produção imagina um receptor adequado às suas intenções, em que muitas vezes os efeitos produzidos não serão percebidos, pois dependem das condições de interpretação dos receptores que constroem seus próprios enunciados de forma que sejam sempre fenômenos de produção social transformativa.

A análise comparativa permite um olhar in[revelador] sobre “narrativa política”, bem como verifica a precisão/distorção, os interesses dos produtores da informação, a linha editorial do veículo, as culturas locais, as diferenças entre os processos de produção e difusão da informação, com a possibilidade de “descortinar” outros ângulos e propor novas abordagens.

## **Explorações no jornalismo impresso: revista**

### **Os veículos de comunicação impressa: revistas *Veja*, *Época* e *IstoÉ***

Para a análise do *corpus* “Enchentes no Rio de Janeiro, abril de 2010” foram utilizados os veículos impressos revistas *Veja*, *Época* e *IstoÉ*. São as revistas nacionais de maior circulação e maiores tiragens, o que dá maior

representatividade, com penetração em um perfil segmentado e dirigido (assinantes), cobrindo a produção, disseminação e uso das informações em regiões diferentes do país, podendo-se inferir que as revistas, todas ou algumas, chegam a todas as cidades brasileiras.

Os exemplares pesquisados foram divulgados no mês de abril de 2010, na semana seguinte à tragédia das enchentes no Rio de Janeiro. Nessa análise foram utilizados exemplares das revistas *Veja*, edição 2.160, de 14 de abril; *Época*, n. 621, de 12 de abril; e *Istoé*, n. 2.109, de 14 de abril. Para fazer um corte na pesquisa, tendo em vista o foco “Enchentes no Rio de Janeiro”, optou-se pelas edições que abordavam o tema na capa e suas respectivas matérias internas. Excluímos da análise os editoriais, cartas dos leitores, artigos dos colunistas e outras manifestações, por entendermos que o desafio de realizar uma pesquisa comparativa exploratória de caráter qualitativo, com algumas abordagens quantitativas entre as três publicações, com base no montante localizado, já seria suficiente para entender o discurso da mídia, suas representações sociais e a disputa de sentidos estabelecida pela “quase mediação do veículo impresso” na esfera pública.

Primeiramente, serão analisadas as capas das revistas, conteúdo e imagem, e, em seguida, as respectivas matérias jornalísticas abordadas nas revistas sobre as enchentes do Rio de Janeiro. A tentativa foi analisar o conteúdo qualitativo e com alguns fatores quantitativos das três revistas, de forma exploratória e empírica. Isso pode trazer um resultado parcial e com alguns cortes, pois pretende-se verificar as convergências e diferenças nas abordagens das reportagens, que permitirão resultados comparativos.

### **Análise de conteúdo e de imagem da capa**

#### *Revista Veja – Capa*

A capa da revista *Veja* traz a imagem do “Cristo Redentor”, símbolo turístico nacional e internacional, que logo se associa à cidade do Rio de Janeiro, e em destaque coloca o rosto, com uma “adaptação-expressão de tristeza”, sendo duas lágrimas no olho direito e uma no olho esquerdo. Ao lado esquerdo da página, no rodapé, próximo ao ombro, a chamada “Culpar as chuvas é demagogia. Os mortos do Rio de Janeiro que o Brasil chora foram vítimas da política criminosa de dar barracos em troca de votos”. Já no topo da página, no cabelo do Cristo Redentor, constatamos três manchetes, apresentadas em cinco quadros, sendo o primeiro uma fotografia de um tênis branco, com a inscrição “Abajo Fidel”, e, ao lado,



chamada para matéria: Cuba: “A juventude rebelde contra os irmãos Castro”. A segunda manchete traz o assunto Filhos: “A superproteção é ruim, mas não é fácil identificá-la”, e na terceira chamada para a entrevista *exclusiva* com “Cameron, de *Avatar*, fala a *Veja*”, e ao lado uma foto de Cameron. O assunto identificado na capa da revista *Veja*, contemplou 15 páginas (68-84) com textos, ilustrações, fotografias e iconográficos, desconsiderando-se as páginas com anúncios.

#### *Revista Época – Capa*

No topo da capa da Revista *Época* uma chamada para “Entrevista” com o candidato à presidência José Serra, que diz: “Estou mais preparado que em 2002”. A imagem de destaque que toma toda a capa é para um bombeiro que carrega nos braços um bebê enfaixado em um cobertor. Uma nota pequena e discreta no lado direito faz alusão à imagem, onde se lê: “O bombeiro Flávio Fernandes, ao retirar um bebê morto pelos deslizamentos no Morro do Borel”. Já no rodapé da capa, o destaque é para a chamada que faz uma associação com notícia: “Rio de Janeiro, abril de 2010”. A revista *Época*, para abordar o tema central da capa, utilizou 20 páginas (74-93), com fotografias, ilustrações, textos e iconográficos.

#### *Revista IstoÉ – Capa*

A capa da revista *IstoÉ* traz como imagem uma foto centralizada no tamanho 10,5 x 8,2, com a legenda “Soterrado no morro”. Pai em desespero recebe dos bombeiros o corpo do filho”. A foto mostra os seguintes atores sociais envolvidos no fato: dois bombeiros, cinco homens da polícia do Estado do Rio de Janeiro, e o pai “em prantos” recebendo o corpo do filho enrolado em cobertor, com a cabeça descoberta, a mostrar uma grande quantidade de lama no cabelo. O destaque na capa está abaixo da foto, onde chama com letra em caixa alta “COMO SALVÁ-LOS. A remoção das comunidades de morros e encostas de risco é uma medida urgente, [...] a sem tabus diante [...] abateu o Rio”. E, acima do nome (*IstoÉ*) da revista uma chamada para tema “YouTube: O *site* mudou os padrões de comportamento da sociedade moderna”. A revista *IstoÉ* trata o tema da capa fazendo uso de fotografias, textos, ilustrações e iconográficos (p. 34-41).

#### **Análise de conteúdo das matérias**

**Revista *Veja* – Reportagem “Rio... Do descaso, da demagogia, do populismo e das vítimas de suas águas”.** A matéria jornalística

“Editoria Brasil” é assinada por Ronaldo França, Ronaldo Soares e Roberta de Abreu Lima (p. 68-84). A foto em duas páginas, com o título RIO... (p. 68), mostra parte da cidade do Rio de Janeiro e seu território localizado mais próximo à Lagoa Rodrigo de Freitas, em um dia nublado, mas que não se configura como a tragédia das enchentes. O interessante é que se faz uso de uma chamada colocada na imagem da Lagoa que diz “Cidade submersa – A Lagoa Rodrigo de Freitas subiu quase 1,5 metro acima do nível normal e a água invadiu pistas e calçadas: uma semana de caos”. Na p. 69, continua o título da matéria “Rio... Do descaso, da demagogia, do populismo e das vítimas de suas águas”, afirma que “a maior tempestade da história do Estado causa centenas de mortes nas favelas e expõe o lado sombrio da política de incentivos à ocupação ilegal de áreas de risco nos morros”, que poderíamos considerar como um resumo da matéria. Logo abaixo, a revista apresenta, em números gerais, o que foi a tragédia das enchentes no Rio de Janeiro, onde se destacam 219 mortos, 161 feridos, 11.562 desabrigados, 10,3 milhões de moradores atingidos e 22 municípios afetados.

De forma geral, usam-se 25 fotografias que, conforme a interpretação e estrutura narrativa, apresentam natureza, seres vivos, objetos e seres inanimados, segundo a teoria de Melo (1972). As fotografias apresentam cenas em que retratam ruas alagadas, onde, por exemplo, tem água até o teto do ônibus (p. 70), que serve de trampolim para várias crianças pularem e nadarem; em outras, pessoas desoladas diante da tragédia da perda de suas casas, carros, ou, ainda, percebendo que apenas alguns pés de bananeira (p. 71) seguram o seu “barraco” que pode desabar, e muitos já desabaram, que são de familiares e amigos. Mostra a lama que encobre carros, casas, ruas, corpos – vidas perdidas –, a lama que está sendo escavada por moradores com as próprias mãos e bombeiros tentando salvar vidas. Lágrimas diante dos corpos (p. 78), que aos poucos vão sendo identificados. O alívio quando o filho é encontrado e chora no colo da mãe, ou o braço que clama, o grito que quer ser ouvido, a cabeça para fora (p. 80), que diz “estou vivo, estou por aqui”. E quem está ajudando são bombeiros civis e voluntários – cidadãos que fazem parte da esfera pública.

Os iconográficos três tentam dar conta de explicar os fenômenos meteorológicos, caracterizados pelas causas geográficas e climáticas, que são determinados por um tempo e espaço definido em números, por exemplo, em milímetros de chuva (p. 72-74). As notícias relatam os fatos e descrevem de forma informativa todos os eventos relacionados com a tragédia das enchentes, não somente os ocorridos na cidade do

Rio de Janeiro, mas em todas as outras cidades envolvidas, com destaque para a cidade de Niterói que teve amplo destaque, pois tratou-se de uma “avalanche na favela do Bumba” (p. 74). Sobre as fontes e vozes, atores sociais, especialistas na análise geral da reportagem, destaque-se o morador José Ferreira, 60 anos, que diz: “Parecia um tobogã”; para o sociólogo Bolívar Lamounier, “o fenômeno da favelização no Rio é consequência do relaxamento moral e jurídico”; o motorista Marco Antonio Caternol, 31 anos, expõe sua dor: “O aguaceiro levou minha casa e meu filho Caíque, de 6 anos. Não sei como será viver sem esse menino”; o cientista político Alberto Carlos Almeida,<sup>1</sup> o geógrafo Marcelo Motta: “Terrenos assim são como bombas-relógio. Podem despencar a qualquer momento”; o meteorologista Marcello Seluchi, do Centro de Previsão de Tempo e Estudos Climáticos, que afirmou: “As origens do temporal no Rio são bem semelhantes às da tempestade que assolou Santa Catarina, em 2008”; o cidadão Wlamir França da Mata, 50 anos, que perdeu o filho Vinícius, de 8 anos, e que permaneceu vivo por doze horas e suplicava: “Pai, me tira logo daqui”; o urbanista Sérgio Magalhães, que disse: “O primeiro tabu que precisa cair é o de que remover moradias é uma afronta”; o treinador Bernardinho foi surpreendido, em pleno treino, por uma súbita enxurrada de água com lama, que inundou o Maracanãzinho, e disse: “Eu me senti o próprio naufrago”; já o velejador Torben Grael, 49 anos, acordou na madrugada de terça-feira (6 de abril) com estrondos e gritos de desesperados pedindo socorro; o comerciante Júlio Cesar Carvalho, 43 anos, espantou-se com o mar de lama, terra e lixo, que tomava conta da favela do Bumba, em Niterói; o conselheiro da Organização das Nações Unidas, Rabinovitch, que afirmou: “Em favelas como a Rocinha, o mais acertado a fazer é legalizar os imóveis e dotar esses locais com toda a infraestrutura urbana, para que deixem de estar à margem do Estado e da lei”; o prefeito de Niterói Jorge Roberto Silveira, que, depois de o morro do Bumba ter virado um tobogã de terror, disse: “Essas coisas são incontroláveis. A gente tem um povo pobre, e, para remover é um drama” (p. 84) No infográfico, p. 73, as fontes são Aluisio Canholi (especialista em drenagem urbana), Marcelo Motta (PUC-Rio), Ricardo d’Orsi (Geo-Rio), Luiz Augusto Machado (Inpe), Tarcisio Castro e Jorge Henrique Alves Prodanoff (UFRJ) e Marcelo Seluchi, vice-coordenador do CPTEC. A reportagem fala da tragédia ocorrida na cidade do Rio de Janeiro, Niterói; cita o evento também ocorrido em Santa Catarina (2008) e mostra como a cidade do Cabo, na África do Sul, durante o governo Nelson Mandela, década de 1990,

1 Cf. ALMEIDA, 2007, p. 77: “Grassa nos morros do Rio a indústria da favelização, alimentada por políticos com o único interesse de ter nos barracos mais e mais pessoas dependentes deles.”

removeu 5 milhões de pessoas das favelas, o que corresponde a 10% do total do país (p. 81). Os territórios (bairros) localizados no Rio de Janeiro: Morro dos Prazeres (Zona Sul), Morro (favela) do Bumba (Niterói), Centro do Rio, Região Lagoa de Freitas e Maracanã. A matéria contextualiza historicamente os fatos e defende que governo de Leonel Brizola (p. 74), na década de 1980, incentivava abertamente a “ocupação dos morros” e que ainda o então vice-governador Darcy Ribeiro (p. 77) dizia que “favela não é problema, é solução”.

**Revista *Época* – Reportagem “Avalanche criminosa”,** editoria Sociedade Tragédia. Martha Mendonça, Nelito Fernandes, Rafael Pereira, Leopoldo Mateus, Maurício Meireles e Ruth de Aquino assinam a reportagem. Os jornalistas utilizam, 22 fotos e três iconográficos para expor: “A maior tragédia na história do Rio de Janeiro em décadas serve de alerta para a omissão das autoridades diante da ocupação ilegal dos morros” (p. 75). De forma geral, as fotos utilizadas apresentam uma realidade e pode-se formar uma imagem com base nos alagamentos mostrados em ruas, a água que invade os veículos, o gramado do Maracanã, as pessoas caminhando no meio das ruas de guarda-chuva e com água até o joelho. As fotos trazem legenda e identificam as fontes, apresentam a realidade relacionada aos transtornos provocados no trânsito e mostram mais objetos e seres animados, onde se apresenta um contexto mais geral, em que o território das ruas, túneis, veículos e morros são mais explorados no seu conjunto. As fotos são mais amplas e exploram o alagamento, o que sinaliza uma grande tragédia, pois mostra várias quadras atingidas, grandes áreas alagadas, o que pode impressionar, ainda mais, o leitor.

Em poucas fotos explora-se mais o sujeito envolvido no acontecimento, de forma a mostrar a perda humana – por exemplo, quando um pai carrega nos braços o filho morto. De outra forma, exploram-se imagens de caixões, todos brancos, em covas, para demonstrar a vida e a morte (p. 85). Também, em uma foto mostra-se o esforço que um cidadão faz para sobreviver em meio a destroços e sendo socorrido por bombeiros. Na maioria das fotos, utiliza-se o recurso legenda para explicar a foto, citando como exemplo: “Lagoa de lama. A Lagoa Rodrigo de Freitas na Zona Sul, avança sobre o asfalto e expande seus domínios. Interrompe o trânsito, se confunde com as pistas e transformam um clube numa ilha” (p. 78). Ou, ainda: “[...] No enterro de quatro crianças mortas no Morro do Turano, na Tijuca, Zona Norte do Rio, o desespero dos parentes (acima) [...]” (p. 85), bem como na fotografia “Destruição. Bombeiros e voluntários vasculham os destroços de dez casas no Morro

dos Prazeres, em Santa Teresa, de onde 25 corpos haviam sido retirados até a última sexta-feira” (p. 89). E, por último, uma foto de uma autoridade é utilizada pela primeira vez, trazendo a seguinte chamada: “HERÓI – O prefeito Eduardo Paes visita um dos morros atingidos pela tragédia” (p. 92).

Os três iconográficos apresentam a tragédia com uma variedade de mapas, números, gráficos, mapas, quadros e tabelas (p. 86-88). Para situar o leitor quanto às proporções da tragédia, traz números como: 212 mortos, 23 mil desabrigados, 140 carros abandonados e 1.430.000 alunos sem aula. No gráfico do índice pluviométrico, mostra-se o problema atual em relação a 1996, 1988, 1966<sup>2</sup> e 2010, respectivamente: 201 mm, 230 mm, 245 mm e 288 mm (p. 86). Importa destacar que a reportagem faz uma referência à repercussão da tragédia no Rio de Janeiro como notícia no mundo, sinalizada nos seguintes veículos e países: *Business Week* e *The New York Times*, (EUA; *Al Jazeera*, Catar; *BBC*, Inglaterra; *El País*, Espanha; *Le Figaro*, França (p. 87).

Outro destaque identificado na pesquisa trata de um tipo de manual de perguntas e respostas, ou seja, “15 questões sobre a tragédia” (p. 90), onde tenta esclarecer as principais dúvidas a respeito da catástrofe no Rio. Destaque-se que tanto as notícias divulgadas no mundo como essas 15 questões mereceriam um estudo aprofundado, o que não cabe fazer neste artigo em razão da questão técnica: tempo. Já em relação ao território, cidade, bairros a reportagem trata do Rio, capital do Estado, e cita ruas como do Jardim Botânico (Zona Sul), Praça da Bandeira (Zona Norte), onde está localizado o Maracanã, Guaratiba (Zona Oeste) Lagoa Rodrigo de Freitas (Zona Sul), Morro do Bumba (Niterói) e Morro dos Prazeres (Santa Tereza). A reportagem apresenta situações vivenciadas em 1966, 1988, 1996: “Águas do passado – Há décadas o Rio de Janeiro sofre com enchentes que provocam destruição e mortes” (p. 76). Destaca, também, a cidade de Nova York, que enfrentou 14 enchentes e hoje consegue prever esse tipo de problema (p. 90), e informa que o Brasil não tem um satélite meteorológico, por isso usa dados do satélite dos Estados Unidos.

Com relação ao Rio de Janeiro, por ser cidade histórica, mundialmente conhecida e por receber turistas do Brasil e do mundo todo, bem como a ser sede das Olimpíadas em 2016 e da Copa do Mundo em 2014 (p. 91), a reportagem mostra certa preocupação e chama atenção para o fato de que, talvez, a tragédia tenha afetado a imagem do Rio de Janeiro. Para corroborar, busca entrevistar várias autoridades responsáveis pela infraestrutura dos jogos olímpicos e da copa do mundo no sentido

---

2 Acredito que devemos considerar 1986 e não 1966, como traz a revista, cometendo um erro.

de tranquilizar os “investidores” e empresários, pois traz sempre uma preocupação com o volume de investimentos, e que obras para contenção das cheias serão realizadas, como diz Sérgio Braga, assessor do prefeito Paes: “Vamos desviar o curso dos rios para acabar com as inundações que afligem o principal complexo esportivo da cidade” (p. 92).

Como já foi identificada uma voz governamental, passa-se agora a descrever todas as fontes e vozes na reportagem: “Pai, Valmir, recebe dos bombeiros o corpo do filho Marcus Vinicius França da Mata, de 8 anos, num edredom (p. 83): “Meu filho, minha vida, eu te amo”; o sargento Luiz Carlos, diante do fato, diz: “Era a razão da minha vida tirar esse garoto. Não consegui”; o prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, foi acusado de não ter alertado a população e se defende dizendo: “Só soube uma hora e meia antes do temporal” (p. 84); o segurança Carlos Eduardo Silva dos Santos, de 24 anos, põe a cabeça para fora no único espaço disponível depois que uma laje desabou em Guaratiba (p. 85); coronel José Paulo Miranda de Queiroz, subcomandante do Corpo de Bombeiros, diz: “Nunca tinha visto uma coisa como esta” (p. 86); o prefeito Jorge Roberto Silveira,<sup>3</sup> do PDT, também, diz: “Eu sabia do lixo, mas não sabia do risco” (p. 86); mas em um estudo feito pelo Instituto de Geociências da Universidade Fluminense Federal (UFF) condenou-se a área, no entanto, nada foi feito; duas equipes da Defesa Civil visitaram o Morro do Bumba, na noite antes da tragédia, e não deram para os moradores o alerta; o Instituto Geológico do Rio realizou 19 medições em pontos diferentes da cidade, registrando o maior índice de precipitação desde 1931 (p. 90); o Centro de Previsão de Tempo e Estudos Climáticos (CPTEC) é o encarregado de fazer os alertas à Defesa Civil Nacional (p. 91); a secretária estadual de esportes, Márcia Lins, diz, a tragédia no Maracanã foi causada porque “são três rios com sérios problemas de drenagem. Já estão previstas obras para resolver o problema. Será o grande legado da Copa e das Olimpíadas”. A reportagem coloca vários órgãos públicos, governos estaduais, e o governo federal quando fala sobre aplicação de verbas para contenção de enchentes, e diz que foram mal distribuídos os recursos pelo país, é o que afirma, o Tribunal de Contas da União (TCU), que fez auditoria na Secretaria Nacional de Defesa Civil (p. 92-93). Os “heróis”, para revista *Época*, foram o iatista Torben Grael e Vander Lucio Ribeiro, que cavavam de enxada na mão para salvar parentes, amigos, funcionários (p. 93); a reportagem também destaca a questão da interdição das casas, dizendo que muitos moradores precisavam de um novo lar, pois tinham pais (doentes) e filhos

---

3 Assumiu a prefeitura de 1989 a 2001. No período de 2002 a 2008, quem comandava a prefeitura de Niterói era o prefeito petista Godofredo Pinto.

pequenos. Faz referência a pai, mãe, filho, sobrinhos, avó – parentes – muitos que dependiam do mesmo teto, melhor ali viviam e faziam do seu lar sua esfera pública.

**Revista *IstoÉ* – Reportagem “O rio submerso”**, editoria Brasil. Eliane Lobatto e Wilson Aquino assinam a reportagem, que traz uma foto mostrando a Praça da Bandeira, na segunda-feira, dia 5, completamente alagada, com os carros submersos (p. 34). A reportagem utiliza 14 fotos<sup>4</sup> e dois infográficos (Fernando Brum). Um infográfico destaca as condições climáticas em relação ao aumento dos moradores nas favelas do Rio (rodapé da p. 38). Mistura pequenas fotos da tragédia, localizando no mapa do Rio, com dados das piores enchentes do Rio (1967, 1988 e 2010), bem como faz comparação de mortes do Rio com países como Índia e Arábia Saudita (p. 38). Dado que chama atenção é que em 1967 o Rio teve 300 mortos e 25 mil desabrigados e até o dia 9, sexta-feira, 195 pessoas já haviam morrido e cerca de 200 estavam desaparecidas. Em ambos os infográficos o registro da fonte é o IBGE. Para explicar os números em gráficos, faz uso das fontes: Federação de Favelas do Rio e do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet).

A reportagem, de modo geral, mostra também ruas alagadas, casas destruídas, bombeiros carregando corpos. É afinada com capa (onde vários protagonistas aparecem), as demais fotos no corpo da matéria também retratam mais o cidadão – o sujeito, com suas perdas, dores – caracterizados pelos rostos, mostrando o sofrimento pelo gesto de apoio de outra pessoa, pela boca aberta de quem chora, grita, e diz não entender o que está acontecendo, ou até mesmo indignada, clama por ajuda – de Deus, do governo, dos voluntários bombeiros (p. 40). Um governador e um prefeito (a revista *IstoÉ* não menciona os nomes) faziam um pedido para que as pessoas não saíssem de casa (p. 36).

Em Niterói, bombeiros haviam resgatado 111 corpos e estimavam em cerca de 200 o número de pessoas soterradas. O engenheiro civil, Leonardo Becker, especializado em geotécnica e professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), fazia uma alerta de que era necessário remover, com urgência, as pessoas “porque a qualquer momento podem ocorrer novos deslizamentos, devido a novas chuvas ou ao efeito retardado das chuvas que já caíram e infiltraram os terrenos”; o ex-presidente da Associação Brasileira de Mecânica dos Solos, Alberto Sayão, e professor de engenharia civil da PUC-RJ, afirmou que “lixo e entulho nas encostas são um perigo e nossas favelas têm essa

4 Ernesto Carrião/Ag. O DIA; Daniela da Corso/ Ag. *IstoÉ*; Jadson Marques/AP Photo/AG. *O Globo*; Marcos de Paula/AE; Genilson Araújo/Ag. *O Globo*.

característica”; segundo o vice-governador Luiz Fernando Pezão (PMDB), “realizar as remoções é um enfrentamento que não é mole”; Vilmar França da Mata é consolado por bombeiro ao lado do corpo do filho; governador Sergio Cabral, coloca que, “ao longo dos anos, a missão da ocupação do solo urbano não foi tratada com a devida seriedade e nada justifica a incapacidade do poder público de impedir a construção em áreas de risco”; em outra fala, o vice-Pezão afirma: “É muita, muita, muita demagogia. De ONGS, de políticos, de gente que diz que defende os direitos humanos. Mas que direito? De morrer numa encosta?”; segundo o presidente do Movimento Popular de Favelas, Wiliam de Oliveira, também ex-presidente da Associação dos Moradores da Rocinha (maior favela do País), diz que “[...] sempre foi favorável à remoção”; no dia 8, quinta-feira, o prefeito Eduardo Paes publicou, no *Diário Oficial*, decreto declarando 158 áreas do Rio em situações de emergência (p. 37); isso significava que a Secretaria de Saúde e a Defesa Civil passavam a ter direito de entrar nas casas nestes locais; esse fato também foi identificado na reportagem da revista *Época*; Elisa Rosa, presidente da Associação dos Moradores do Morro dos Prazeres, disse que naquele momento, a prioridade era “salvar vidas”; de acordo com o presidente da Federação das Favelas do Rio (Fefarj), Rossino de Castro Dinis, “existem 942 favelas na capital fluminense (p. 38); a matéria registra a pesquisadora Suzana Pasternak<sup>5</sup> que fala sobre o “Estado burguês”, com base no debate que ocorre com o dilema de “defender a propriedade privada de um lado e cuidar do bem-estar da população de outro”; pesquisador da Coppe/UFRJ, Moacyr Duarte frisou que “tem que remover e impedir que elas voltem para as antigas áreas de risco ou habitem outras”; “As grandes cidades sofreram uma destruição ambiental violenta”, explica Agostinho Guerreiro, presidente do Conselho Regional de Arquitetura (CREA-RJ); o presidente Lula “liberou por medida provisória emergencial, R\$ 200 milhões”; o menino Marcus Vinicius Vieira França da Mata, 8 anos, foi soterrado e morto na tragédia; Adriana Assis, 36 anos, moradora que se salvou “de ser tragada pela avalanche de terra e detritos porque parou alguns minutos para conversar pelo telefone com o namorado, Izaías Cruz” (p. 40); o comerciário Valdecir Fonseca, 38 anos, “sem se dar conta de que antes mesmo das chuvas da semana passada ele já vivia a tragédia de ter sua casa construída sobre um aterro sanitário” (p. 40, trecho colocado em negrito na reportagem); Sabrina Carvalho, 27 anos, dizia: “Meu filho, minha mãe e meu avô estão dentro da minha casa que foi soterrada” (p. 41); o governador Sérgio Cabral diz

---

5 Cf. PASTERNAK, 2008.



destinará a Niterói R\$ 35 milhões; aposentado Luiz Antônio Azevedo, 57 anos, sua mulher Djaíra, 55 anos, e seus dois filhos “resistiram em deixar suas casas”.

Espaços privados ou públicos foram soterrados, como casas, igrejas, pizzaria, salão de cabeleireiro, creche (Morro do Bumba). A reportagem também resgata em textos e fotos um pouco da história da cidade do Rio, fatos de 1897, que têm vínculos com Guerra de Canudos, na Bahia, quando os soldados voltaram, e ficaram sem soldo, se instalaram de forma precária em uma elevação que passou ser identificada como o Morro da Favela<sup>6</sup>; a matéria cita que em 1960 o governador Carlos Lacerda retirou na marra os habitantes das favelas da Zona Sul e mandou-os para bem longe: a Cidade de Deus e Bangu.

Após a leitura de conteúdo da capa, reportagens, boxes, fotografias, infográficos, foi possível o exercício comparativo entre as três revistas na cobertura da Tragédia das Enchentes no Rio de Janeiro, abril de 2010, sob alguns critérios estabelecidos por Hohlfedt (1997): 1. consonância<sup>7</sup>; tematização<sup>8</sup> e focalização<sup>9</sup> (MELO, 1972); 2. fotografias<sup>10</sup>; interpretações.<sup>11</sup>

### **Comparações – Capa(s) das revistas**

Com relação às três capas analisadas, infere-se que as revistas *IstoÉ* e *Época* colocam o “homem”, no caso o bombeiro, bem como o cidadão, o pai ou o filho morto, em destaque na capa, a realidade vivenciada, com um certo apelo para o emocional, que também vai corresponder com as fotos internas utilizadas nas matérias, em especial da revista *Época*. Ao destacar o “bombeiro”, o cidadão que cobre a revista faz uma tentativa de aproximação com todos os seus leitores, de forma a demonstrar a solidariedade daqueles que, diante de uma tragédia, buscam salvar vidas e até dar apoio mesmo, quando têm de entregar um corpo coberto por um edredom a um pai. Isso caracteriza, também, a participação efetiva de órgãos públicos, no caso Corpo de Bombeiros e a Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro em catástrofes naturais.

Já a revista *Veja* optou por um símbolo turístico “Cristo Redentor”, que é reconhecido nacional e mundialmente, tentando fazer com que demonstrasse uma tristeza diante dos acontecimentos, um apelo frio,

6 Em um *box* (p. 37), a reportagem traz o significado do termo “favela”: “refere-se a uma planta abundante em Canudos.

7 Identifica traços em comum dos diferentes veículos de comunicação estudados no relato do acontecimento.

8 Observa a maneira como a notícia foi formulada: se obteve destaque de forma a chamar a atenção do receptor.

9 Observa e compara a maneira como as revistas contextualizaram o assunto.

10 Interpretação segundo a estrutura narrativa nas questões natureza, seres vivos, objetos ou seres inanimados.

11 Notícias: origem das informações, notícias positivas ou negativas, informativas ou opinativas.

onde o concreto não externa isso, mas ação do homem na montagem da foto o faz colocando lágrimas no rosto, onde nunca houve.

As revistas *Época* e *IstoÉ*, em suas capas, mostram que o destaque de edição é para a tragédia das enchentes no Estado do Rio de Janeiro e fazem um pequena chamada para outro assunto, no caso a *IstoÉ* para o YouTube, assunto da “moda”, o que não preocupa. Entretanto, a revista *Época*, sob sua logomarca e capacete do bombeiro, traz a fala de um candidato à presidência e ex-governador do Estado de São Paulo, que também passou por enchentes, em especial a cidade de São Paulo. O detalhe é frase diante da tragédia do Rio: “Estou mais preparado que em 2002”, diz José Serra. Pois, sabemos que muitas “políticas públicas” não adotadas por vários governos trazem à tona hoje problemas relacionados à falta de educação, falta de atendimento médico, à miséria, à fome, e, no caso as enchentes, o que se reacende é o velho tabu “remover ou não as comunidades de morros e encostas de riscos” como afirma a chamada da capa da revista *IstoÉ*. A revista *Veja* preferiu também chamar a atenção para tema política internacional: Cuba; comportamento: “criação dos filhos”; e cultura-cinema: o filme *Avatar* em suas chamadas – o que, de certa forma, tenta diluir a questão por outros temas.

### **Comparações – Reportagens**

Para abordar o assunto as três revistas dedicaram 44 páginas,<sup>12</sup> respectivamente: à revista *Veja* (15) correspondem 34%; à revista *Época* (20), 47%; e à revista *IstoÉ* (8), 19%, distribuídas entre fotografias, infográficos e textos. A respeito das ilustrações, fotografias (total de 61<sup>13</sup>) em vários formatos, junto ao texto, *box*, rodapé, página ou duas páginas. Poucas fotos são utilizadas pelos veículos analisados, somente algumas se repetem, o que ficou mais evidente quando é mostrado o Morro do Bumba, o resgate e a entrega do corpo do menino morto ao pai pelos bombeiros; as outras, de forma geral, retratam vários pontos da cidades que estão alagados, ou barrancos desmoronando, tentativas de buscas e salvamentos de desaparecidos, casas em situação de risco, momentos de consolo entre familiares, amigos, profissionais que atuavam no momento.

A única revista que identifica as fontes das fotos, praticamente em todas, foi a *IstoÉ*, o que se configura como um respeito aos direitos autorais. Como já abordamos na análise da capa e na descrição das revistas, consideramos importante comparar o fato da capa da revista *IstoÉ*, que envolveu “o cidadão”, e fez o uso de imagens de bombeiros, familiares,

<sup>12</sup> Também não era objeto de estudo comparar o número de páginas de cada revista, excluídas as propagandas em relação à reportagem da capa, que também pode ser um estudo posterior.

<sup>13</sup> Para conhecimento: *Veja* (25 – 41%), *Época* (22, – 36%) e *IstoÉ* (14 – 23%). Como não foi objeto de estudo a análise morfológica de fotografias e textos que fazem uma decomposição segundo espaço ocupado na notícia, deixamos como sugestão para outro trabalho.

pessoas, vítimas nas matérias, em contrapartida às revistas *Época* e *Veja*, em suas primeiras fotos demonstram mais imagens de seres inanimados, máquinas (carros) associadas ao trânsito parado, ruas que impossibilitam o ir e vir – o que ficou em um apelo mais “mercantil”, sob um olhar econômico. As fotos, de maneira geral, caracterizam a tragédia e toda a perda, especialmente a dor, as mazelas que deixam para cada um resolver como pode – em questão o cidadão desabrigado, que vê seus sonhos, seu sacrifício, sua luta, sua vida em poucos minutos “enterrada por lama”, talvez pelo descaso do poder público, que fica evidente nas matérias.

As revistas tematizam o problema e fazem uso de várias “falas” de autoridades, especialistas, cidadãos – esses os verdadeiros atores sociais, que representam uma grande parte da população do Rio de Janeiro vivendo em “favelas”, locais condenados pelo poder público. O destaque fica para a revista *IstoÉ*, como descrito na análise das revistas, pois foi a que mais utilizou de “falas” de representantes de associações, de moradores, o que caracteriza a “esfera pública”, demonstrando a voz para aqueles que muitas vezes não são escutados ou até nem recebidos pelas autoridades. Também fez uso de vários especialistas ligados a órgãos públicos, no caso universidades e institutos de pesquisa, para tentar explicar os fatos e ser imparcial, mais informativo, somente se manifestando por meio de opiniões dos entrevistados.

O que podemos perceber é que a pauta foi bem contextualizada pelos veículos impressos, pois trouxe a análise de especialistas, autoridades, bem como fez uso de infográficos sobre a questão do tempo, das chuvas, de forma comparativa com outras décadas. As três também fazem uso de fatos históricos para explicar a situação atual. O que ficou evidente foi que a revista *Veja* faz menção ao ex-governador Leonel Brizola e seu vice, Darcy, como se fossem os grande “culpados” pelas políticas públicas estabelecidas em seu governo. Percebemos que, em alguns casos, os políticos, em especial o governador e o prefeito do Rio, nas revistas, nunca são associados ao partido a que são filiados, ou seja, PMDB, já o prefeito de Niterói, logo é enfatizado a sua ligação com partido PDT. Talvez fosse possível lançar algumas hipóteses para questão, mas isso mereceria um aprofundamento por parte de cientistas sociais, bem como de sociólogos, antropólogos e historiadores.

Nas matérias, deixa-se tudo bem claro sobre o que aconteceu e tenta-se, de certa forma, materializar, por meio dos depoimentos, em especial dos cidadãos, quanto isso afeta e afetou-lhes a vida. Também tentam demonstrar a grande “disputa de forças” e de sentidos que ocorrem entre os vários atores que foram ouvidos, seja do lado do poder público, seja

de ONGs, institutos, instituições de ensino, empresas privadas, que é o grande dilema: “O tempo e o espaço pertencem a quem?”; “A quem cabe, diante dos fatos, ‘a culpa’?” “Se já sabiam, por que não fomos avisados, ou não fomos retirados desse lugar?” “Até que ponto o poder público atual, ao assumir um passado, é responsável pela continuidade da tragédia?”

O processo de produção da notícia também foi percebido neste trabalho. Equipes de jornalistas, fotógrafos, infográficos e seus entrevistados (especialistas, autoridades, cidadão), de certa forma, disseminaram dados e informações, tiraram dúvidas, esclareceram os pormenores da questão, o que por hipótese poderíamos afirmar que auxiliou o leitor (receptor) a fazer o melhor uso da informação, em seu processo de comunicação, seja na escola, seja em casa, no local de trabalho, na igreja, no taxi, no ônibus, na empresa – e talvez, possa também com a convergência das medias, tentar fazer um comparativo, com fatos divulgados pela TV, pelo rádio e pela internet no dia da tragédia, já que a revista circulou um semana depois, e assim seria possível fazer outras relações, bem como construir outros discursos simbólicos e novas representações sociais.

## Conclusão

O assunto mídia e mediações foi o foco que se estabeleceu durante as aulas da disciplina Mídia, Saúde e Mediações, e assim foi possível compreender o processo que envolve a produção, circulação e uso da informação, além de permitir que se pudesse perceber aplicação no campo da saúde.

Nos três veículos, pudemos observar que o assunto enquentes no Rio de Janeiro teve destaque na capa da revista e mereceu, pela sua repercussão, uma reportagem específica, ocupando, dessa forma, uma relevância diante de tantos acontecimentos ocorridos nesse período no mundo e no Brasil. Também se pode observar a acumulação e a consonância de informações sobre o assunto, em que os veículos apresentam informações e fontes para informar o leitor, tendo como diferencial apenas o foco ideológico e o estilo de redação (*Veja* e *Época*), mais opinativas e informativas (*Istoé*), dando destaque para às vozes de representantes de ONGS e autoridades.

A temática focalizada nos veículos de comunicação estudados trouxe o assunto enunciado, mas também fez alusão à história, à construção do passado, representada pelos atores sociais, quando da ocupação dos espaços, da falta de políticas públicas, do uso do espaço como fator de captação de votos, do abandono dos cidadãos à própria sorte, da especulação imobiliária, do mau uso do solo e suas consequências pelo excesso de lixo, ou da falta de infraestrutura no que diz respeito ao acesso de vias

públicas, córregos, rios, em especial a ocupação desordenada de algumas áreas, caracterizada pela “ilegalidade”.

Assim, a pauta foi muito bem contextualizada, pois trouxe entrevistas, análises de especialistas, fatos históricos e da atual situação, uma relação com tempo (chuvas), numa tentativa de explicar a tragédia. As revistas exploram a necessidade que o leitor tem de informação quando apresentam dados e opiniões de cidadãos, autoridades, especialistas.

A revista *Veja* oferece maior quantidade de páginas sobre o assunto de capa, bem como em número de fotos. Entretanto, merecem destaque as capas da *IstoÉ* e *Época* que, de certa forma, materializaram a catástrofe ao apresentar os atores sociais bombeiros e envolvidos com o resgate das vítimas. *Veja* e *Época*, na maior parte das vezes, apresentaram fotos frias, mostrando, principalmente, espaços ocupados por bens materiais, fazendo referência mais ao aspecto econômico da tragédia.

Não foi possível perceber diferenças entre a linguagem das três reportagens, pois todos utilizaram uma linguagem mais simples, não fazendo uso de termos técnicos, e mesmo quando utilizaram, por exemplo, um infográfico ao longo das matérias, foi ajudar a explicar a notícia de forma bem clara e objetiva.

Observamos que algumas revistas não fazem referência a autoridade e partido político (PMDB), por exemplo, quando entrevistam o governador do Rio de Janeiro ou o prefeito do Rio (*IstoÉ*). Já as revistas *Veja* e *Época* fazem questão de dar ênfase ao partido político quando da fala do prefeito de Niterói (PDT), bem como quando trazem fatos históricos de governos anteriores – por exemplo, o governo Brizola (PDT) –, mas em nenhuma revista foi feita menção aos governos de Garotinho e Rosinha, Cesar Maia, mais contemporâneos.

---

**Comparing communications:** a study of reports on the flood in Rio de Janeiro in 2010 as published in the Brazilian magazines *Veja*, *Época* and *IstoÉ*

**Abstract**

*This exploratory, comparative study qualitatively and quantitatively analyzes the magazine covers and their respective news report on the “flood” tragedy that took place in Rio de Janeiro in April 2010. The corpus consists of the printed pieces of news published by the national circulation magazines *Veja*, *Época* and *IstoÉ* during the week immediately following the tragedy. The conflict and tension territory as described by the journalist in his/her report on the “flood” episode stands out, from a media*

*perspective, as a “quasi-mediated” event, as the information provided now makes up part of the public sphere. The analysis identified (im)possible inferences regarding the media discourses and revealed conflicts of perspectives mediated by the press in its relationship with the citizen, the authorities and the experts.*

**Keywords:** *Discourse. Veja. IstoÉ. Época. Flood. Rio de Janeiro.*

---

## Referências

- ALMEIDA, Alberto Carlos. *A cabeça do brasileiro*. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1985.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2009.
- EDGAR, Andrew; SEDGWICK, Peter. *Teoria cultural de A a Z: conceitos-chave para entender o mundo contemporâneo*. São Paulo: Contexto, 2003.
- ÉPOCA. Rio de Janeiro, n. 621, 12 abr. 2010.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- FRANÇA, Ronaldo; SOARES, Ronaldo; LIMA, Roberta de Abreu. RIO...: do descaso, da demagogia, do populismo e das vítimas de suas águas. *Veja*, São Paulo, ed. 2.160, ano 43, n. 15, p. 68-84, 14 abr. 2010.
- GOMES, Mayra Rodrigues. *Poder no jornalismo: discorrer, disciplinar, controlar*. São Paulo: Hacker, Edusp, 2003.
- HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Rio de Janeiro: Tempo, 2003.
- ISTOÉ. São Paulo, v. 34, n. 2109, abr. 2010.
- LAGE, Nilson. *Estrutura da notícia*. São Paulo: Ática, 1993.
- MARCONDES FILHO, Ciro. *Dicionário da comunicação*. São Paulo: Paulus, 2009.
- MELO, José Marques. *Estudos de jornalismo comparado*. São Paulo: Pioneira, 1972.
- PASTERNAK, Suzana. *Cidade (i)legal*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.
- SILVERSTONE, Roger. *Por que estudar a mídia?* São Paulo: Loyola, 2002.
- SODRÉ, Muniz. *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2009.
- SOTERRADO no morro. Pai em desespero recebe dos bombeiros o corpo do filho. *Istoé*, São Paulo, v. 34, n. 2.109, abr. 2010.
- THOMPOSON, John B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- VEJA. São Paulo, edição 2.160, ano 43, n. 15, 14 abr. 2010.

Enviado em 28 de agosto de 2011.

Aceito em 30 de setembro de 2011.